Imagens de Orion – o cineteatro e o art déco na cidade fábrica de Rio Tinto

Luciene Lehmkuhl, Universidade Federal da Paraíba

Orion, o gigante, era um belo caçador e atraia a atenção de mortais e divindades. Orion pode também ser visto no litoral norte da Paraíba, nomeando um imenso cineteatro na cidade de Rio Tinto, edificada a partir de 1918, para a instalação da fábrica de tecidos. Pautada por padrões construtivos e estilísticos manchesteriano e art déco, a cidade abriga o cineteatro, em cujo interior encontram-se pequenas figuras em relevo, instaladas nas laterais do palco/tela que se tocam, se olham e se aproximam, alheias aos acontecimentos no imenso espaço de Orion. Neste texto pretendo refletir sobre estas figuras, percorrendo diferentes referências culturais na edificação da cidade-fábrica de Rio Tinto.

Palavras-chave: Orion. Cineteatro. Art déco. Cidade fábrica. Imagens.

*

Orion, le géant, était un beau chasseur et attirait l'attention des mortels et des divinités. Orion peut également être vu sur la côte nord de Paraíba, nommant un immense ciné théâtre dans la ville de Rio Tinto, construite à partir de 1918, pour l'installation de l'usine de tissu. Guidé par les normes de construction et de style manchestérien et Art déco, la ville abrite le ciné théâtre, et dans l'intérieur des petites figures en relief, installés sur les côtés de la scène / écran qui se touchent, regardent et approchent, inconscients des événements dans l'immense l'espace d'Orion. Dans ce texte, j'ai l'intention de réfléchir sur ces figures, en passant par différentes références culturelles dans la construction de la ville industrielle de Rio Tinto.

Mots-clés: Orion. Ciné théâtre. Art Déco. Usine de la ville. Images.

Fazia um desses belos dias tão comuns em Nápoles, onde devido ao brilho do sol e à transparência do ar os objetos assumem cores que se afiguram fabulosas no norte, e parecem pertencer antes ao mundo do sonho que ao da realidade. Quem quer que tenha visto uma só vez essa luz de ouro e de azul dela leva, no fundo de sua bruma, uma incurável saudade.

Gautier, Arria Marcella: lembrança de Pompéia, p.11

Orion, o gigante filho de Gaia e Poseidon, era um belo caçador e atraia a atenção de divindades e mortais. Dentre as quais Mérope, a filha do rei de Quios, a quem demonstrou seu amor e com quem pretendeu casar-se, "livrou a ilha de feras e levou os despojos da caça à sua amada". Também Eos, a Aurora dos dedos cor-de-rosa, cuja união com Ares provocara a vingança de Afrodite, que fez a mortal apaixona-se violentamente pelo gigante, por ela raptado e levado para a ilha de Delos, "com desgosto dos deuses, uma vez que o gigante, limpava os campos e as cidades de feras e monstros"². E, principalmente Artemis, a deusa caçadora que o eterniza nos céus em decorrência de desacordos amorosos. Seu irmão Apolo, insatisfeito com o interesse da deusa pelo gigante, instiga-a a acertar um ponto flutuante nas ondas do mar. "Artemis retesou o arco, mirou e acertou o alvo, na verdade a cabeça de Orion, que se banhava no mar"³. "As ondas empurraram para a terra o cadáver de Orion e, percebendo, com muitas lágrimas, seu erro, Diana [Artemis] colocou-o entre as estrelas, onde ele aparece como um gigante, com um cinto, a espada, a pele de leão e uma clava" ⁴.

Orion, o gigante, pode também ser visto no litoral norte da Paraíba, na pequena cidade de Rio Tinto, cuja trajetória tem início no ano de 1918, quando empresários suecos da família Lundgren instalaram a fábrica de tecidos e a cidade em meio a uma área alagadiça, conhecida como Engenho da Preguiça, na qual viviam grupos indígenas Potiguaras, que caçavam, pescavam, coletavam moluscos, crustáceos e plantavam a mandioca. Até o final da década de 1940 a cidade-fábrica estava edificada com arruamentos, duas instalações fabris, seis diferentes tipologias de casas para os operários, técnicos e dirigentes, igreja matriz, clubes recreativos, escolas, posto de saúde, armazém, praça pública e um cineteatro.

Entre o final da década de 1950 e 1960 a fábrica teve seus equipamentos renovados, especialmente por meio de incentivos oriundos do programa de reequipamento da indústria têxtil nacional da SUDENE. Durante a década seguinte a fábrica de tecidos de Rio Tinto começou a sentir o processo de decadência ocorrido com a indústria têxtil do Nordeste brasileiro, tendo sido desativada no final da década de 1980⁵. Parte dos edifícios que compuseram o complexo industrial da fábrica de Tecidos, integra atualmente o Campus IV da UFPB, no qual está instalado o Curso de Bacharelado em Design.

¹ BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia* – História de Deuses e Heróis. Trad. David Jardim Júnior. 28ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p.248.

² BRANDÃO, Junito de S. *Mitologia Grega*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 3 v, p.221.

³ GANDON, Odile. *Deuses e heróis da mitologia grega e latina*. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.64.

⁴ BULFINCH, Op.cit, p.248.

⁵ PANET, Amélia; et al. *Rio Tinto*: estrutura urbana, trabalho e cotidiano. João Pessoa: UNIPÊ editora, 2002, pp.37 e 38.



Fig.1 Cineteatro Orion (fachada principal), 1944, Rio Tinto, Paraíba. Fonte: Jeferson Luiz Braz da Silva, 2016. Acervo: Laboratório de Fotografia/DDesign/UFPB.

Nomeado como Orion, o cineteatro foi construído para integrar o conjunto da cidade-fabril. Atualmente utilizado como casa de shows, foi inaugurado no ano de 1944, possuindo vão central de 36 m2 com tesouras de cimento armado e laterais abertas ao exterior da edificação com colunas sustentando o telhado, um palco/tela, cabine de projeção e capacidade para aproximadamente 1.600 pessoas. O tijolo aparente é elemento presente nas colunas e paredes internas e externas, compondo a fachada principal com destaque aos volumes e aos elementos em repetições. O frontão triangular é definido por colunas escalonadas ao centro e nas laterais, estabelecendo simetria do bloco central. Os tijolos são assentados em diferentes posições, imprimindo leveza e exímio acabamento à edificação.

O cineteatro, como os demais edifícios da cidade, foi erguido segundo padrões construtivos e estilísticos oriundos das cidades fabris britânicas, reconhecidamente herdeiras do denominado estilo manchesteriano, cuja estrutura em cimento armado conjuga paredes, colunas e elementos ornamentais em tijolos aparentes entremeados de uma argamassa fina e branca. As referências ao "padrão Britânico Manchesteriano" são encontrados no estudo de Amélia Panet, como utilizado pelo grupo Lundgren na construção de suas fábricas⁶. O "padrão manchesteriano" pode ser caracterizado como de "fachadas erguidas

⁶ PANET, Amélia; et al. Idem., Ibidem., 2002, p.59.

em tijolos aparentes que encobrem estruturas moduladas de concreto armado e/ou estruturas importadas de ferro" ⁷.

Os detalhes construtivos e ornamentais de Orion e das demais edificações, são também identificados aos padrões art déco, reconhecidamente presentes na arquitetura do nordeste brasileiro desse período. Encontramos referências às "fachadas que conciliam tendências 'art déco' ou de arquitetura moderna com uma estética industrial despojada" E, especialmente, referências que apresentam o art déco como estilo que

ganhou força entre os edifícios fabris brasileiros, principalmente após 1930. A ausência de uma doutrina teórica vinha ao encontro do pragmatismo da produção desses edifícios. Além disso, a sua lógica construtiva era perfeitamente adaptável ao programa industrial – plantas flexíveis, estruturas em concreto, técnicas construtivas tradicionais misturadas com modernas, geometria simplificada, ornamentos contidos⁹.

Colocar-se diante do gigante Orion, instalado na cidade de Rio Tinto, causa-nos certa sensação de pertencimento "antes ao mundo do sonho que ao da realidade" . A dimensão descomunal, a robustez e altura da fachada, o maciço de tijolos entremeados pelo branco, os recortes e escalonamentos, tocados pela luz brilhante do sol nos fazem ver cores "fabulosas". Se comparadas ao entorno e à região do vale do Mamanguape, onde a cidade foi edificada, as miríades de cores e formas das edificações sobressaem e se impregnam em nossa mente, em nosso corpo, causando em nós uma "incurável saudade", assim como no conto de Gautier.

Arria Marcella: lembrança de Pompéia, de Gautier, guia nossa entrada no recinto. Orion nos recebe em suas entranhas com bonança e com surpresas. Seus espaços são largos, suas paredes altas, as colunas em série se multiplicam em perspectiva, caibros e telhas se alinham em sequencia geométrica, assim como os tijolos que aparecem aqui e acolá. Imenso espaço vazio, hoje destinado à música e à dança em festas e shows populares, foi outrora dedicado à sétima arte e a arte da representação, mas também às reuniões políticas e preleções aos trabalhadores da fábrica. No piso superior, por detrás do balcão, avista-se uma pequena porta que leva à área externa, na qual encontra-se a sala de projeção. No lado oposto, está a grande tela instalada no palco, ladeada por personagens de um mundo de fantasias, fantasmagorias, ilusões.

⁷ DA COSTA, Ana Elisia. A poética dos tijolos aparentes e o caráter industrial - MAESA (1945). *IV Seminário Docomomo Sul.* Porto Alegre, 25 a 27 março 2013. Disponível em:

http://www.docomomo.org.br/ivdocomomosul/pdfs/06%20Ana%20Elisia%20Costa.pdf. Acesso em: 15 maio 2015.

⁸ GUNN, Philip; CORREIA, Telma. O habitat operário no nordeste industrial: os núcleos fabris de Paulista e Rio Tinto. *In*: PANET, Amélia; et al. *Rio Tinto*: estrutura urbana, trabalho e cotidiano. João Pessoa: UNIPÊ editora, 2002, p.157.

⁹ DA COSTA, Op. cit, 2013.

¹⁰ GAUTIER. Arria Marcella. *Lembrança de Pompéia*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999, p.11.

Luciene Lehmkuhl Imagens de Orion



Fig.2 Cineteatro Orion (interior), Rio Tinto, Paraíba. Fonte: Jeferson Luiz Braz da Silva, 2016. Acervo: Laboratório de Fotografia/DDesign/UFPB.



Fig.3 Cineteatro Orion, palco/tela (detalhe), Rio Tinto, Paraíba. Fonte: Jeferson Luiz Braz da Silva, 2016. Acervo: Laboratório de Fotografia/DDesign/UFPB.

As pequenas figuras em relevo, instaladas em duplas, aparecem sobre linhas horizontais escalonadas e intercaladas. São pares de figuras femininas e masculinas que parecem interagir entre si. Se tocam, se olham e se aproximam, alheias aos acontecimentos que se desenrolam no imenso espaço interior de Orion. Não pude passar indiferente a elas, os

contornos arredondados de suas silhuetas, a estatura atarracada, as cores irreais, os volumes sutilmente protuberantes, me atraíram e me fizeram parar. Olhei demoradamente cada detalhe, cada rosto, cada membro, cada parte de cada corpo. Registrei em fotografias, as imagens que penetravam por minha retina e se fixavam em minha mente.

Deixei Orion carregada de perguntas. Quem seriam aquelas figurinhas minúsculas? O que fazem elas naquele espaço? Por que foram instaladas nas laterais do palco/tela? Quem as instalou? Quem as construiu? Por quais motivos? Com quais finalidades? Quais papeis desempenharam no passado daquela cidade e daquele cineteatro nos anos de auge da produção fabril?

O art déco

Sabemos que as edificações art déco prezam por ornamentações pontuais em diálogo com elementos estruturais, como pilastras e frontões transfigurados em árvores, animais e cariátides, entre outros elementos. Tomo como exemplos quatro diferentes edificações que se inscrevem nestas especificidades. O magnífico edifício Itahy, projetado por Arnaldo Gladosch e construído em 1932, na cidade do Rio de Janeiro, em Copacabana, cujo pórtico desenhado por Pedro Correia de Araújo apresenta uma "índia-sereia-cariátide" em conjunto com outros elementos marinhos e fluviais. O pórtico de entrada do edifício Itaoca, projeto de Anton Floderer e Robert Prentice, construído em 1928, também em Copacabana na cidade do Rio de Janeiro, apresenta colunatas escalonadas que trazem a figura estilizada do Muiraquitã, em "majolica verde-amazônico" 12. Um friso decorativo de um escola infantil parisiense, dos anos de 1930, edificada em tijolos aparentes, apresenta figuras em estuque que trazem um ar naif ao edifício. E ainda, o Pavilhão do Brasil edificado em Lisboa para a Exposição do Mundo Português no ano de 1940, como arquitetura efêmera, cujos elementos presentes no exterior e no interior do edifício, fazem referência à mata e natureza brasileiras em estilizações de troncos de coqueiros, com a luz solar filtrada criando um ambiente similar ao das florestas, na trama de cobertura, como quis Raul Lino no projeto arquitetônico. Também os elementos ornamentais do interior, assinado por Roberto Lacombe, privilegiando motivos marajoaras como a fonte do hall de entrada, vasos, pés de mesas, balcões e colunas presentes no estande do Departamento do Café¹³.

Ainda é preciso lembrar as peculiaridades do art déco que proliferou no nordeste brasileiro, dentre o qual pode-se perceber "os relevos das fachadas como jogos geométricos (radiais, paralelos, escalonados, ziguezagues, etc.), criatividade regional expressa através de réguas, esquadros e compassos..." A autora, Lia Mônica Rossi, emprega a denominação "art déco sertanejo" para se referir a este conjunto de elementos encontrados com frequência nas cidades nordestinas, grandes e pequenas, no litoral ou no sertão.

Neste viés passamos a olhar para as figuras que ladeiam o palco/tela de Orion como pertencentes ao universo estilístico do art déco, tanto na arquitetura e na decoração de

¹¹ ROITER, Márcio Alves. Pindorama modernista: influência indígena no art déco brasileiro. *Culturas indígenas: textos do Brasil*, n.19. Brasília: Ministéio das Relações Exteriores, 2012, p.83.

¹² ROITER, Márcio Alves. *Rio de Janeiro Art Déco*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011, p. 87.

¹³ LEHMKUHL, Luciene. *O café de Portinari na Exposição do mundo português*: modernidade e tradição na imagem do Estado Novo brasileiro. Uberlândia: EDUFU, 2011, pp. 46 e 103.

¹⁴ ROSSI, Lia Mônica. Art déco sertanejo e uma revitalização possível: programa Campina Grande Déco. *Revista UFG*, Ano XII, n.8, 2010, p.29.

interiores, quanto nos objetos e obras de arte. No entanto, antes de tentar encaixa-las nos compartimentos estilísticos do art déco, pretendemos escavar o entorno das figuras, tal qual exige uma arqueologia.

Figuras de Orion

As imagens que obtivemos de Orion foram colhidas numa manhã ensolarada. A fachada do edifício aparece em pleno sol, iluminada e reluzente, deixando ver suas reentrâncias, seus escalonamentos e seus detalhes ornamentais. O contraste entre o vermelho dos tijolos e o branco da argamassa é salientado pelo azul do céu que ajuda a conferir unidade ao conjunto monumental. As imagens do interior de Orion, no entanto, estão imersas em um jogo de luz e sombras, fator que imprime ao ambiente e às figuras uma certa fantasmagoria. Tal qual "uma aparência de realidade que engana os sentidos", no dizer de Susan BUCK-MORSS, ao se referir à "manipulação técnica" de luzes e sombras, em suas reconsiderações ao texto de Walter Benjamin: A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, publicado pela primeira vez no ano de 1935, em alemão.



Fig.4 Cineteatro Otion - figuras, Rio Tinto, Paraíba. Fonte: Jeferson Luiz Braz da Silva, 2016. Acervo: Laboratório de Fotografia/DDesign/UFPB.

Os pares de figuras aparecem aos nossos olhos em cores inusitadas provenientes de camadas de tinta sobrepostas ao longo do tempo. O fundo se destaca em nuances de amarelo, marrom e dourado, cujo brilho é realçado por meio das irregularidades da textura. A tinta ali depositada não se preocupa em contornar plenamente as figuras, nem em definir-lhes as silhuetas. Temos a impressão de que pinceladas apressadas passaram em volta das figuras deixando um halo de despreocupação. Também as cores das figuras se

-

¹⁵ BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestética: uma reconsideração da A obra de arte de Walter Benjamin. In: BENJAMIN, Walter et al. *Benjamin e a obra de arte*: técnica, imagem, percepção. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p.173.

apresentam irregulares. Há um rosado muito claro a cobrir os corpos, mas fortes manchas avermelhadas se sobrepõem e encobrem parcialmente braços e pernas, peito e pescoço, costas e cabeças, confundindo nossa visão, compondo e decompondo os corpos.

São quatro figuras, distribuídas aos pares, em cada lado do palco/tela. Estão apoiadas sobre linhas retas, paralelas e escalonadas. A cor amarela marca ainda mais este suporte e nos possibilita constatar que as figuras flutuam sobre a linha superior, sem toca-la. Rapidamente constatamos que as figuras não são espelhadas, mas cada par compõe um diferente arranjo, com diferentes posicionamentos dos corpos, mesmo que as ações praticadas sejam bastante semelhantes umas as outras. Ambos pares seguram instrumentos musicais que alcançam as bocas das figuras, como se estivessem sendo soprados. As figuras femininas parecem segurar e tocar pequenas flautas transversas e as figuras masculinas cornetas ou pistons, todos eles instrumentos de sopro, tal qual os atributos de Euterpe, a musa, filha de Mnemósine que preside a música.





Fig.5 Figuras masculinas, Cineteatro Orion, Rio Tinto, Paraíba. Fonte: Jeferson Luiz Braz da Silva, 2016. Acervo: Laboratório de Fotografia/DDesign/UFPB.

Nos dois conjuntos, as figuras masculinas ajoelhadas voltam-se para as figuras femininas que dão-lhes as costas. Delas vemos claramente os traços fisionômicos nos perfis delineados pelo relevo a demarcarem as orelhas, o nariz, os olhos e sobrancelhas, o queixo e os cabelos curtos, pintados de castanho. A figura da direita inclina levemente a cabeça, enquanto a da esquerda a mantém ereta, alinhada à nuca. Esta mesma figura apresenta-se em posição frontal, com o peito a mostra, vemos seu umbigo, as linhas abdominais e peitorais. Enquanto o braço direito segura o instrumento, o esquerdo alinha-se a lateral do corpo até tocar a coxa direita ou esquerda, não é possível precisar, afinal a figura aparece distorcida e as pernas dobradas confundem-nos em suas linhas mal traçadas. A figura da esquerda aparece de costas, vemos a linha da coluna vertebral, os ombros e as escápulas. Nela também o braço direito segura o instrumento, enquanto o esquerdo acompanha a

verticalidade do tronco, afastando-se dele. A perna direita dobrada em primeiro plano, encobre o ventre, deixando ver apenas a perna esquerda também dobrada.

Não sabemos como se deram as decisões do artista/artesão que executou estes relevos, no entanto, é possível perceber as dificuldades encontradas em solucionar o encaixe das pernas da figura da esquerda e as manobras necessárias para evitar que estes corpos mostrassem frontalmente suas partes mais íntimas.

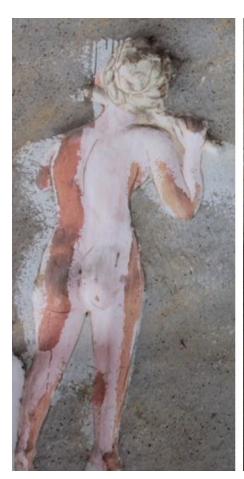




Fig.6 Figuras femininas, Cineteatro Orion, Rio Tinto, Paraíba. Fonte: Jeferson Luiz Braz da Silva, 2016. Acervo: Laboratório de Fotografia/DDesign/UFPB.

As figuras femininas são mostradas de costas, delas vemos o corpo inteiro em pé, definido em linhas suaves e volumes que destacam, a cabeça, os cabelos presos em tranças que circundam as cabeças, deixando as nucas a mostra, o pescoço, os ombros, a coluna vertebral, as pernas, as nádegas e as ancas. Nelas, assim como nas figuras masculinas, as proporções dos corpos nos parecem atarracadas e pesadas. Pouco esguias, nelas podemos contar a proporção corporal de pouco mais de cinco cabeças, longe das sete cabeças do cânone de Policleto e das oito cabeças do cânone ou de Lisopo. Da mesma maneira as demais partes dos corpos aparentam desajustes entre si, distanciando-se também elas de qualquer estabelecimento canônico.

Para concluir

É este conjunto de elementos que torna as figuras do interior de Orion tão peculiares e instigantes, sendo impossível olha-las de maneira indiferente. As proporções, as colorações,

as posições em relação ao público e entre elas mesmas, as formas dos membros e as torções corporais instigam a imaginação, trazendo associações com diferentes temporalidades e espaços, na busca de visibilidade e lisibilidade destas imagens.

Fantasmagoria, o termo escolhido por Walter Benjamin para ler e ver as ruas parisienses do século XIX, parece caber também nesta leitura das aproximação às figuras de Orion. Transfiguradas por cores, luzes e sombras, formas, volumes e linhas, estas pequenas figuras são percebidas pelos usuários/espectadores das entranhas de Orion de maneira coletiva, tal qual a experiência fantasmagórica da "tecnoestética", que ao manipular o "sistema sinestésico pelo controle dos estímulos ambientais [acaba por] anestesiar o organismo, não pelo entorpecimento, mas por uma inundação dos sentidos" ¹⁶. Ocorre assim, então a alteração da consciência por meio da distração, cujos efeitos são experimentados coletivamente, sendo todos levados a ver o mesmo mundo alterado, com a fantasmagoria assumindo a posição de uma realidade objetiva, tornando-se norma social ¹⁷. Para a autora Buck-Morss, "o vício sensorial numa realidade compensatória converte-se num meio de controle social" ¹⁸. Controle importante, podemos complementar, no âmbito de uma cidade-fábrica.

Ao aceitar a provocação da Comissão organizadora do XXXVII Colóquio do CBHA, pretendi "deslocar as percepções consolidadas" para percorrer experiências e relações nas diversas referências culturais presentes na edificação da cidade-fábrica de Rio Tinto. Mesmo que uma conclusão "certeira" acerca das figuras do interior de Orion não seja possível nesse momento, e as muitas questões formuladas, continuem sem respostas precisas, lançar a elas um olhar com "vagar e atenção", como preconiza Louis Marin, é desafio que exige percorrer caminhos difusos de leitura e visualização de imagens. Exige que se escave mais e mais profundamente no afã de estabelecer relações e, quem sabe, encontrar um lugar às figuras do interior de Orion. Este percurso, no entanto, está apenas começando.

-

¹⁶ BUCK-MORSS, Op. cit., 2012, p.174.

¹⁷ BUCK-MORSS, Idem., Ibidem., 2012, p.174.

¹⁸ BUCK-MORSS, Idem., Ibidem., 2012, p.174.